



«A RACIONALIZAÇÃO DOS FACTORES DE PRODUÇÃO É UMA PRIORIDADE»

Licenciada em Engenharia Agronómica e mestre em Protecção Integrada pelo Instituto Superior de Agronomia, Laura Rodrigues é a primeira mulher presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras. Nesta entrevista, a autarca fala-nos do sector agrícola da região, onde a horticultura e a vinicultura têm uma forte expressão, bem como das prioridades que tem em cima da mesa no dossiê Agricultura.

Ana Gomes Oliveira

A Feira de São Pedro acontece todos os anos em Torres Vedras. Que importância assume este evento para o concelho?

É uma feira generalista, com 730 anos e com uma forte implantação aqui no território. Dadas as características agrícolas e a importância do cluster agroalimentar no nosso concelho,

a Feira de São Pedro tem um peso muito relevante de expositores e actividades ligadas à agricultura. Este ano, conta com um espaço significativo gerido pela Associação Interprofissional de Horticultura do Oeste, a AIHO, onde decorrem exposições, acções formativas e demonstrativas e iniciativas no auditório da Caixa de Crédito Agrícola, nomeadamente sobre

agricultura de precisão e sobre factores de produção. O espaço da AIHO serve para dar a conhecer as tecnologias ligadas à horticultura, com as plantas, factores de produção, promoção de algumas das empresas, e as tecnologias associadas à hidroponia, que é abundante na região. As questões ligadas ao resíduo zero também estão em destaque. No fundo, é dar a conhecer aos visitantes como é que trabalham a horticultura e até desmistificar algumas ideais, mostrando que se consegue produzir de forma sustentável e com qualidade. Estamos perante agricultores que têm práticas agrícolas consentâneas com a saúde e com o meio ambiente e que há muitos anos recorrem a auxiliares de natureza biológica para controlo de pragas e doenças. Tudo isso é muito importante, para que o consumidor perceba bem como se trabalha esta agricultura de carácter intensivo, mas com práticas muito preservadoras da saúde e do ambiente.

Há mais algum sector com forte representação?

A feira conta também com o envolvimento da Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa, uma entidade que também investe nesta feira para a divulgação dos vinhos do nosso território, porque, a par da horticultura, a viticultura é uma das grandes actividades agrícolas do concelho de Torres Vedras... e também ancestral. Hoje, os nossos vinhos são de muita qualidade e com uma expansão muito grande, quer em termos internos, quer na exportação. Estas mostras são essenciais

para que melhorem a sua comercialização e valorização em termos económicos. A horticultura e a viticultura assumem de facto uma grande importância, apesar de a fruticultura também ter o seu papel, mas não com tanta expressão. Até porque sofreu algumas mudanças. Há áreas de pomar que têm sido transformadas em áreas para viticultura. Por um lado, porque os vinhos valorizaram e tornaram-se mais atractivos, e por outro, por ter havido problemas fitossanitários ligados às pomóideas, provocando perdas grandes de produção. Face a estes dois factores, algumas grandes áreas de pomar foram reconvertidas para vinha.

A horticultura e a viticultura são fileiras que cada vez mais apostam na inovação?

Sim, através da digitalização, como a robótica e a agricultura de precisão, com vista à economia e a uma melhor gestão de todos os recursos, nomeadamente da água. Apesar de não sermos um dos territórios mais complicados, a verdade é que de ano para ano os lençóis freáticos têm cada vez menos capacidade para alimentar os furos artesanais, que são também cada vez mais profundos. O sector tem feito um investimento muito grande para o aproveitamento racional de toda a água, quer sejam as residuais das próprias explorações, quer as águas de chuva. Temos explorações agrícolas que conseguem reaproveitar quase a totalidade da água que utilizam. É sem dúvida um recurso ao qual temos de estar atentos,



Somos especialistas em armazenamento reefer

- Armazenamento com temperatura controlada (de 0°C a 18°C / 0°C a -22°C)
- Armazém com 3.000 m², dos quais 2.000 m² dedicados a carga refrigerada
- Autorização aduaneira à exportação e Importação (Entreposto Aduaneiro)
- Controlo veterinário

Excellence in Maritime and Logistics Services

Estrada da Quinta dos Conegos 2580-465 Carregado (Portugal)

M +351 91 887 18 80 - reeferptlis@marmedsa.com

www.noatummaritime.com

usando-o da forma mais eficiente. A digitalização vem com este objectivo. A par disso, temos todo o trabalho feito pelo Smart Farm Colab, um laboratório colaborativo que procura dar respostas às necessidades de cada uma das empresas. Na área da sensorização, têm tido um papel fundamental, ao desenvolverem sensores a baixo custo, tornando-se uma ferramenta acessível aos produtores da região.

No caso da horticultura, esta é maioritariamente feita em estufa?

Sim. Também existe produção ao ar livre, mas o grosso é agricultura protegida. E muita feita em substrato, como fibra de coco, sobretudo, nomeadamente para tomate. É a hortícola mais produzida na nossa zona, além de outras para consumo em fresco, como o pepino, a curgete, ou a alface e as brássicas, que são mais cultivadas ao ar livre.

Além da questão da água, há outros problemas com os quais o sector agrícola tem lidado?

Os dois últimos anos são marcados pelos preços de factores de produção muito elevados. Mas a questão que continua a ser um “calcanhar de Aquiles” prende-se com a comercialização, onde se verifica uma décalage muito grande entre os preços dos produtos ao consumidor e os preços pagos ao produtor.

Apesar de algumas alterações, continua a haver uma diferença grande. E nem estamos a falar de uma venda atomizada, porque os nossos produtores são, mesmo assim, organizados. Integram organizações de produtores e vendem através delas. Mesmo assim, esta discrepância praticada pela grande distribuição é uma dificuldade que continua a subsistir.

E como é que o concelho está em termos de disponibilidade de terra?

Começa a haver dificuldade, porque temos uma competição entre o desenvolvimento turístico e a área dedicada à agricultura. As melhores áreas de produção para a horticultura são mesmo no litoral, onde a actividade turística se dirige mais. Requer da nossa parte uma gestão muito fina para que se possa proteger todas as partes. Temos de promover uma coexistência pacífica.

Quais são as suas prioridades no dossiê sector agrícola?

As prioridades prendem-se muito com a racionalização dos factores de produção, em particular a água. É fundamental não perdermos de vista que precisamos que haja investimento nas nossas estruturas aquíferas. Temos dois rios, o Sizandro e o Alcabrichel (um com um caudal maior, outro



GRUPO
FEPAL

A CUIDAR
DO FUTURO



EMBALAGENS SUSTENTÁVEIS

 **FEPAL**
EMBALAGENS E PALETES

www.fepal.pt

 **EMBALA**
NA HORA

www.embalanahora.pt



mais pequeno), para os quais existem projectos de aproveitamento hidroagrícola. Projectos que estão prontos e que, segundo o que ficou combinado com o anterior secretário de Estado, seriam integrados no Plano Nacional de Regadio. Assim, aguardamos que possam vir a ser candidatados e financiados para serem postos em prática. Foram feitos de forma muito sustentada e juntamente com as associações de regantes dos dois rios. São planos sem grandes movimentações e alterações, e que permitem algum represamento, sem grandes impactos no território. Cada agricultor fará depois a sua parte na racionalização da água, que é fundamental para se poder produzir bem. É necessária esta capacitação para todos os agricultores, mas também os apoios que devem existir, por exemplo, ao nível do PEPAC, no sentido de poderem ser ajudados no investimento em tecnologias que permitam fazer uma utilização racional da água. Outra das prioridades, e que é transversal a vários sectores, é a sustentabilidade.

A sua formação em Agronomia, bem como o mestrado em Protecção Integrada, fazem-na olhar para estas questões com uma maior proximidade?

Sem dúvida. Na altura entendi que esta seria uma área boa para seguir. Sempre estive ligada à horticultura. Trabalhei fundamentalmente na análise dos investimentos agrícolas e

também na área da produção, porque o meu marido tinha produção hortícola. Fiz o primeiro mestrado em Protecção Integrada em Portugal. E queria trabalhar essa visão que tinha quanto à forma como a agricultura deveria ser, como algo fundamental para a vida e para os territórios, mas que deve ser praticada de uma forma equilibrada, sustentável e onde os próprios trabalhadores são aqueles que devem proteger o ambiente, a paisagem, e promover as melhores práticas. Na verdade, esta formação académica faz-me ter uma visão um pouco mais próxima, sim.

E como é ser-se mulher, - a primeira a assumir o cargo de presidente da Câmara de Torres Vedras - num sector que ainda é maioritariamente de homens?

Há obviamente diferenças, até porque as experiências de vida das mulheres acabam por ser diferentes... também porque têm sido mais excluídas dos lugares de poder. Esta consciência faz com que tenha uma visão, creio, mais inclusiva, no sentido de perceber de imediato que todos têm de ter acesso a tudo. Por outro lado, sinto-me muito orgulhosa, porque sinto que sirvo de exemplo às novas gerações. Há uma identificação por parte de muitas jovens quanto ao facto de eu ser uma mulher no cargo de presidente. Saber que posso de algum modo ser inspiradora no sentido de almejarem chegar a algum lugar que poderiam achar inalcançável, é muito compensador. ●